

Paralelismos em disputa: O papel da *Brasil Paralelo* na atual guerra cultural

*Disputed parallels:
Brasil Pararelo's role in the brazilian cultural war*

Julia Salgado

Pós-doutora pelo PPGCOM-UFRJ, com bolsa Faperj (2017-2020). Mestre (2011) e Doutora (2016) em Comunicação e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCOM/UFRJ).

Marianna Ferreira Jorge

Pesquisadora de Pós-Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (PPGCOM-UFF) com bolsa Faperj Nota 10. Em 2020, realizou estágio de Pós-Doutorado em Comunicação e Cultura na Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ). Doutora e mestre em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense, graduada em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda

RESUMO

A resenha analisa a produção audiovisual da Brasil Paralelo, produtora criada em 2016 que ecoa as mais polêmicas vozes da extrema direita brasileira, sobretudo a partir do revisionismo histórico e da defesa de valores neoliberais conservadores. Argumentamos que, mais do que complexificar ou enriquecer o debate público sobre temas diversos -que vão do meio ambiente aos movimentos minoritários, passando pela economia, política e filosofia -, suas retóricas tendem a miná-lo, cerceá-lo e reduzi-lo à sua própria interpretação da realidade, inflamando a guerra cultural em curso no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: *Brasil Paralelo; guerra cultural; extrema direita.*

Em tempos em que os valores e as crenças são trivializados e instrumentalizados em um mercado de ideias, nunca se ouviu tanto o adjetivo *paralelo* associado a formações e instituições. A CPI da Covid, criada em 2021 para apurar supostas omissões e irregularidades nas ações governamentais durante a

pandemia, investiga a atuação de um “gabinete paralelo” ao Ministério de Saúde, que teria influenciado a desastrosa tomada de decisões do governo federal no enfrentamento do Covid-19. Por outro lado, sabe-se que um poder de polícia “paralelo” àquele oficial do governo (embora, suspeite-se, entrelaçado com este) há anos manda e desmanda em comunidades e subúrbios cariocas, e agora estende seus tentáculos sobre instituições fiscalizadoras do meio ambiente em nível nacional. A mesma palavra foi usada para nomear parte do Orçamento da União de 2021, destinado a turbinar as emendas parlamentares de deputados e senadores aliados ao governo executivo, que dispuseram de cerca de três bilhões de reais para agradar sua base eleitoral.

Esse “paralelismo”, porém, há muito tempo já tinha invadido a mídia e o campo cultural do país, pautando o crescente convívio com um manancial de emissores “não oficiais”, mas nem por isso menos obstinados na disseminação de informações, opiniões, ideias e visões do mundo. Sintomaticamente, um desses agentes se chama *Brasil Paralelo*, uma produtora de vídeos fundada em 2016, em Porto Alegre, que “produz documentários, filmes, séries, trilogias, cursos e podcasts; distribui, lança, comercializa e oferece assinaturas aos membros”, tendo como foco “o conteúdo informativo relacionado ao contexto social, político e econômico brasileiro”¹. Segundo um de seus sócios, Filipe Valerim, a empresa nasceu quando, no

(...) cenário político de 2014, com a reeleição de Dilma Rousseff (sic), um despertar de consciência política ganhava cada vez mais força a partir do sentimento de revolta da maioria da população. Após o impeachment da ex-presidente, ficou claro que havia uma parcela significativa da população com o potencial de se mobilizar e gerar mudanças efetivas na rota que seguíamos. Isso nos entusiasmou (Boletim da Liberdade, 2018).

¹ Disponível em: <https://conteudo.brasilparalelo.com.br/historia/brasil-paralelo/>

Como Valerim explica, no Brasil de então existia um paradoxo: de um lado uma "população [que] permanecia adormecida, ou comprometida com uma hegemonia cultural de esquerda" e que tinha "uma carência enorme por compreender o que nos levou até aquele momento de crise política extrema". Do outro, "professores, políticos, escritores, historiadores, filósofos, pesquisadores, profissionais que eram referência em suas áreas e que tinham como contribuir de forma mais lúcida ou racional com essa análise" (idem, 2018). O pulo do gato da *Brasil Paralelo* foi, então, unir essas duas pontas, com a proposta de criar "conteúdo informativo relacionado ao contexto social, político e econômico brasileiro": "A ideia era conectar a falta de conhecimento das pessoas com aqueles que sabiam o que falar e ainda não tinham a oportunidade de fazê-lo" (Redação Brasil Paralelo, 2021)². Entre esses *experts*, figuram personalidades como Olavo de Carvalho, Luis Felipe Pondé, Lobão, Fernando Conrado, Luiz Philippe de Orléans e Bragança, Jair Bolsonaro, Eduardo Bolsonaro, Joseíta Ustra e Rodrigo Constantino. Assim, o que começou com três estudantes universitários usando câmeras emprestadas e suas poucas economias, em 2020 já era uma empresa que faturava trinta milhões de reais ao ano – 335% a mais do que em 2019 –, com planos de dobrar o faturamento em 2021. E quer mais: "Queremos ser a empresa de mídia mais influente no ecossistema cultural brasileiro", afirmou Henrique Viana, um dos sócios, em entrevista ao jornal Folha de S. Paulo publicada em 29 de maio de 2021.³

Mas por que, em um dossiê que fala sobre Guerras Culturais, faz sentido trazer uma resenha sobre um canal do Youtube chamado *Brasil Paralelo*? Vamos argumentar que, mais do que qualquer outra coisa, o objetivo desta produtora de conteúdo é justamente alimentar a atual guerra cultural brasileira, tornando-se um dos expoentes dos valores da extrema-direita no país. O canal foi criado em julho de

² Disponível em: <https://conteudo.brasilparalelo.com.br/historia/bbrasil-paralelo/>.

³ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/05/produtora-brasil-paralelo-vive-crecimento-meteorico-equer-ser-netflix-da-direita.shtml>

2016, e pouco mais de 5 anos depois acumula números impressionantes: tem cerca de 2 milhões de inscritos, mais de 700 vídeos disponibilizados e beira a marca de 150 milhões de visualizações. Os "carros-chefe" da produtora são as produções de caráter documental, que abordam temas do atual debate público envelopados com um ar de imparcialidade, uma vez que toda a narrativa é referenciada por dados, fatos, imagens e depoimentos. O viés está justamente na escolha de *quem* fala, e de *como* dados e fatos são apresentados e contextualizados. De maneira geral, é possível afirmar que todas as produções (séries, filmes, documentários e aulas) trazem embutidos crenças particulares ao credo neoliberal-conservador. Estas, por sua vez, costumam descredibilizar os mecanismos de cidadania, como as instituições educacionais, médicas e científicas, ao mesmo tempo em que se valem de um decalque cientificista, com sotaque publicitário, para legitimar a narrativa oportunamente construída. Os diversos assuntos abordados – como meio ambiente, pandemia, política, eleições, sistema jurídico, educação, minorias, entre outros – servem como pano de fundo sobre o qual essa ideologia, hoje alinhada ao pensamento da nova direita, ganha voz.

Não surpreende, portanto, que a Brasil Paralelo nasceu justamente com o propósito de gerar uma série de narrativas alternativas (*paralelas*) àquelas que, segundo eles, vem dominando a paisagem moral nas últimas décadas: a hegemonia da esquerda apoiada no marxismo cultural. Isso fica patente nos temas abordados, nos "especialistas" que endossam as produções e nos inimigos de seu projeto cultural: entre eles, governos totalitaristas, comunistas, intelectuais de esquerda, políticos corruptos, globalistas, multiculturalistas, feministas e progressistas. E também na autodefinição da empresa, cuja missão "é resgatar os *bons* valores, ideias e sentimentos no coração de todos os brasileiros". Em uma exaltação da racionalidade neoliberal fusionada com princípios cristãos, os fundadores estabelecem os pilares centrais de suas estratégias discursivas sob a seguinte defesa:

Verdade: O propósito é enriquecer a sociedade através da comunicação eficiente da verdade. A verdade não é relativa, é o bem maior e uma meta inesgotável;

Liberdade: Os indivíduos são diferentes quando se trata de escolher, agir e colher resultados, bons ou ruins. Impedir a ação e a escolha das pessoas é um abuso de poder. Estar consciente de ser responsável pelos resultados é lucidez diante da vida;

Arte: Os seres humanos usam a arte como uma linguagem emocional. Tudo o que não pode ser assimilado pela linguagem racional será comunicado e sentido pela arte bem feita;

Ambição: Querer o melhor da vida e o melhor do mundo. É preciso almejar o melhor e buscar sempre o aperfeiçoamento.

Meritocracia: A única forma legítima de realizar a própria ambição é através do mérito. Toda conquista sem mérito é instável e passageira. Os esforços de cada um são valorizados;

União: Para estar verdadeiramente unido é preciso trabalhar o ego e aprender a amar uns aos outros. Portanto, o trabalho feito em união torna possível o que seria impossível de se fazer sozinho;

Diplomacia: É preciso ser humilde e respeitar as pessoas, não se considerando dono da verdade. Além disso, o mundo em que vivemos não é construído individualmente. Ser diplomático é precisamente se entrosar no mundo da melhor forma, sem se separar dele.⁴

Dentro desse espectro tão amplo como complexo, a adjetivação dos valores a serem resgatados como "bons" já explicita o descompromisso com qualquer ideia de imparcialidade ou independência – ainda que se valham oportunamente desse artifício retórico –, bem como a tentativa de cristalizar no senso comum as suas próprias perspectivas da realidade, visando a construir a hegemonia da extrema-direita na atual guerra cultural. Clamando não aderir a relativismos, afirmam batalhar pela redenção de somente daquilo que é "bom" e que contribui para uma leitura "correta" do Brasil, não se furtando em se apropriar de noções com forte viés revolucionário, como a arte e a liberdade, para torná-las instrumentos de novos aprisionamentos morais a serviço do capital. Há claramente, aqui, um lugar e uma visão de mundo muito específicos e pouco abertos à alteridade, ao dissenso e à argumentação. Como veremos, a incessante "busca pela verdade", um dos valores

⁴ Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/brasil-paralelo>. Acesso em: 20 de junho de 2021.

enaltecidos pela empresa, carrega implicitamente a ideia de uma verdade moral universal, sobre a qual eles seriam detentores. Com efeito, em todo o material produzido, ocupam-se de lançar luzes para as “más interpretações” ocorridas no decorrer da humanidade e fornecem uma série de revisionismos históricos e científicos. Fatos, evidências, reflexões ou racionalizações são intencionalmente mobilizados (ou silenciados, simplificados e deturpados, se preciso) para fazer valer a sua versão da história. Isto é, aquela que estaria mais afinada com seu projeto de mundo, combatendo tudo aquilo que ameaça suas crenças, espaços e privilégios e, em último grau, suas próprias existências.

Assim, valores que serviram de alicerce ao projeto civilizador moderno, como a democracia, a responsabilidade civil, a justiça social, a igualdade e a solidariedade são desvalorizados, enquanto a liberdade individual operada pela racionalidade mercadológica é exaltada, desembocando num declínio tanto ético como social e político. “O apego a um passado imaginado como capaz de redimir as contradições do presente coloca em xeque, inclusive, as poucas conquistas democráticas das últimas décadas”, ressaltam Clóvis Gruner e Murilo Cleto, “posto que a própria noção de democracia, mesmo a mais formal, é vista como responsável pela desestabilização do mundo tal como conhecido e desejado” (2021, p. 362). Acontece que, se o capitalismo é essencialmente estável e autorregulador, como creem os neoliberais, só se pode pressupor que todas as convulsões e desregulações que o afetam são provenientes de fatores externos a ele, bloqueando qualquer esforço crítico e qualquer engajamento que vise a proporcionar uma vida mais digna e próspera a todos.

Trata-se, portanto, de uma disputa de narrativas que, embora heterogêneas, montam um mosaico de valores que compõe, em grande medida, a identidade da extrema-direita brasileira, conservadora e neoliberal, fomentando a atual polarização ideológica-política, bem como uma retórica que visa a assegurar o papel do mercado como aglutinador da realidade. Ao que parece, o pavor com a “tirania

da igualdade", que teria sido acentuada pela democracia, vem cedendo lugar para uma "tirania da liberdade", como a que se exalta nos documentários veiculados. "Essa liberdade não supera simplesmente outros princípios políticos; ela é tudo o que existe", argumenta Wendy Brown, "por outro lado, a liberdade, arrancada do social, não se torna apenas ilimitada, mas exercida legitimamente sem preocupação com o contexto ou as consequências sociais, sem restrição, civilidade ou cuidado com a sociedade como um todo ou com os indivíduos dentro dela" (2019, p. 54 e 55). Em outras palavras: "Liberdade sem sociedade é puro instrumento de poder, despido de preocupação com os outros, o mundo ou o futuro" (idem, p. 58). Diante disso, nas páginas a seguir, mapearemos algumas das peças audiovisuais produzidas pela *Brasil Paralelo*, que podem nos ajudar a entender melhor o papel da empresa no atual cenário cultural brasileiro.

A primeira digna de nota é a série "Brasil - A Última Cruzada", composta de 7 episódios e cedida para exibição na TV Escola, em uma parceria entre a *Brasil Paralelo* e o MEC, que promete fazer "o maior resgate histórico já produzido sobre o nosso país"⁵. Sobre uma sequência de imagens de paisagens, monumentos e catedrais da Europa, a voz em *off* enaltece as heranças deixadas por Portugal: "Quando vivemos o nosso dia a dia, aqui no século XXI, desfrutamos desse legado: a filosofia grega, o direito romano, a moral judaico-cristã e a experiência acumulada de nossos ancestrais fazem parte de nós. Essa é a herança que chamamos de civilização ocidental"⁶. Ao passo que a contribuição dos povos indígena e africano para a constituição do país e da população é minimizada pela produção, o nosso mito fundador aparece ancorado no homem branco heteronormativo e no cristão europeu. Essa imagem se faz presente não apenas na representação do ideal de brasileiro a ser seguido e cultuado, mas na própria base de especialistas convocada

⁵ Disponível em: <https://site.brasilparalelo.com.br/series/>

⁶ Trecho do 1º episódio da série. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TkOlAKE7xqY&list=PL3yv1E7liXySpilepZSpHnrWGWbmrk9j>

a trazer "a verdade" à tona. De todos os documentários e séries assistidos, a devastadora maioria dos experts ouvidos são homens, brancos, visivelmente pertencentes a uma classe média-alta e com significativo nível de instrução (ainda que nem sempre uma titulação formal⁷). Entre as poucas mulheres presentes, figuram nomes do conservadorismo brasileiro, como as deputadas Joice Hasselmann, Janaína Paschoal e Ana Caroline Campagnolo. Já o único homem negro que aparece como detentor de um conhecimento digno de algum destaque é Paulo Cruz: o professor que denunciou o movimento negro por apagar a importância da família imperial, sobretudo da Princesa Isabel, no abolicionismo no Brasil, propondo um revisionismo histórico para combater o legado de Zumbi como um de seus protagonistas.

Seguindo essa proposta revisionista, no último episódio da série, intitulado "1964 - O Brasil entre armas e livros"⁸, o longa-metragem reconta os acontecimentos que levaram à ditadura militar, argumentando que, assim como o resto do mundo, o Brasil viveu nas décadas de 1950 e 1960 a iminência de se tornar um país comunista, tamanha a infiltração e a influência de espiões soviéticos no país. A alegação é fundamentada com supostos documentos secretos da STB (agência de espionagem da antiga Tchecoslováquia), reveladores de uma extensa rede de agentes secretos, em solo brasileiro, que levariam Jango a tornar o país uma república comunista através de suas reformas de base. Se, em um primeiro momento, a tentativa de tomada do poder comunista se daria por meio da luta armada, com a formação e o financiamento de guerrilhas por toda a América Latina, depois a estratégia teria mudado. Percebendo não poder tomar o poder à força em um país de dimensão

⁷ Embora muitos dos entrevistados sejam apresentados como "professores", "pesquisadores", "cientistas políticos" ou "cientistas sociais", impressiona a ausência da larga maioria deles na Plataforma Lattes, sistema de currículos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que referencia grupos de pesquisa e pesquisadores brasileiros.

⁸ Filme de 2019, tem atualmente mais de 9 milhões e 300 mil visualizações no Youtube. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=yTenWQHRPIg&list=PL3yv1E7liXySpilepZSpHnrWGWbmrlyk9j&index=7>

continental, os comunistas teriam decidido chegar ao controle pela dominação da cultura. E então o filme dedica-se a elaborar como as reverberações planetárias geradas por Maio de 68 seriam, na verdade, resultado de um plano gramsciano em escala global para cooptar jovens do mundo inteiro a questionar "todos os valores: a moral, a religião e a família". Usados como "massa de manobra dos comunistas", os jovens foram progressivamente – e sem nem mesmo perceber – conduzidos a uma hegemonia de pensamento: o marxismo cultural.

A ideia de "marxismo cultural" é, de fato, o grande inimigo contra o qual a *Brasil Paralelo* parece lutar. Seria derivado desse esforço ubíquo e subterrâneo do comunismo – e não do próprio neoliberalismo – a insurgência de pautas identitárias e multiculturalistas: "Por que hoje toda a esquerda fala em machismo, racismo, homofobia?" A resposta lhes parece óbvia: "Isso é gramscismo", afirma categoricamente Flávio Morgenstern⁹, creditado como escritor e um dos mais assíduos entrevistados da produtora. Sub-repticiamente, uma elite cultural de esquerda teria dominado as universidades, as editoras, a mídia, o show business e a cultura em geral. Contra essa guerra cultural silenciosa, armada a partir da Rússia, refinada na Itália e financiada pela China, caberia aos templários da verdade e da liberdade reescrever nossa história e ofertá-la ao povo brasileiro, no intuito de redimir o país (e o capitalismo) de escusas forças totalitárias.

O documentário "As Grandes Minorias" é bastante enfático nesse sentido, ao abordar movimentos minoritários e suas "pautas ocultas" em três episódios. O primeiro, "Antifas", apresenta os atuais black blocs como revolucionários comunistas globalmente coordenados e obstinados a derrubar o sistema capitalista. Os *antifas* (que incluem neopunks, defensores do clima, ativistas do movimento Occupy Wall Street, entre outros) classificariam todos aqueles que defendem os valores tradicionais como fascistas. Numa retórica que visa a disputar o lugar da

⁹ Autor do livro *Por trás da máscara: Do passe livre aos black blocs, as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*.

verdadeira vítima de preconceito na sociedade contemporânea, alega-se a injustiça (e a intolerância) proferida por esse grupo a toda e qualquer pessoa mais alinhada à direita: defensores da propriedade privada e da família heteronormativa; opositores às pautas climáticas, à justiça social e às demandas minoritárias.

Nessa mesma linha, "Geração sem Gênero", segundo episódio da série "As Grandes Minorias", denuncia o ativismo cultural, judicial e legislativo que envolve questões de gênero em campos tão diversos quanto a educação, a linguagem e o esporte. Tendo o movimento feminista como grande opositor e maquinador de todo o avanço das discussões sobre gênero e sexualidade, novamente se colocam no lugar de vítima de coerções que os obrigariam a aceitar coisas abjetas como educação sexual nas escolas, incorporação da linguagem inclusiva ou a entrada de atletas transgêneros em competições femininas.

Já o último episódio da série, "Vidas (negras) Importam", se propõe a relativizar a importância do movimento *Black Lives Matter* (BLM), construindo uma argumentação de que a luta contra a discriminação racial esconderia um real objetivo revolucionário: destruir o sistema capitalista e patriarcal vigente, substituindo-o por um regime opressivo, comandado pelas minorias. Para tratar do tema e avaliar suas teorias conspiratórias, a edição de imagens prioriza cenas de confronto e destruição protagonizadas por integrantes de grupos ativistas negros (desde as mais antigas, dos Panteras Negras, até cenas atuais, do movimento BLM). A seleção enviesada de imagens, assim como a edição com efeitos gráficos e sonoros que potencialize certo sentimento ou humor no espectador, configura outro expediente comum da produtora de vídeos, compondo as (entre)linhas do narrador. Desse modo, as imagens visam a comunicar tudo aquilo que (não) é enunciado explicitamente, de modo a condicionar as interpretações, nublando as possibilidades de outras reflexões.

Uma cena específica deste episódio é bastante significativa nesse sentido, e nos ajuda a entender o que é a *Brasil Paralelo* e o que ela defende. Após uma

sequência de cenas de embates civis e depredações de bancos e lojas – editadas de maneira tão veloz que fica difícil identificar com precisão que manifestações são essas e quem são realmente as pessoas das imagens –, seguem-se cenas de passeatas do BLM em que um manifestante, com megafone em mãos, grita: "É hora de revolução". O áudio é repetido por três vezes, tendo ao fundo imagens de manifestantes negros, punhos fechados e levantados, caras fechadas e raivosas. Toda sequência audiovisual é pensada de modo a produzir um sentido muito específico: negros raivosos são uma ameaça e estamos na iminência do maior dos riscos – uma revolução capitaneada por eles. Sendo que nesse "eles" entram não apenas os negros, mas também as feministas, os LGBTQI+, os ativistas climáticos e os intelectuais de esquerda.

A liberdade de expressar a própria opinião sem qualquer tipo de sanção – ainda que tal opinião possa ser considerada preconceituosa, difamatória ou injuriosa – é o mote central do longa "Os Donos da Verdade", de 2020 e que conta com quase 1,2 milhões de visualizações no Youtube. Fazendo sempre um retrospecto histórico sobre o tema, trazem os exemplos de Sócrates e de Jesus para afirmar: "devemos sempre defender a liberdade de expressão, caso contrário podemos acabar como Atenas e o Império Romano, matando aqueles que tinham a coragem de defender a sua opinião". Esse tipo de recurso, que lança mão de comparações que ignoram qualquer risco de anacronismo e incoerência, é comum a todas as produções da *Brasil Paralelo*, e evidencia o real descompromisso com a tal "verdade" tão cara a eles: o que se busca é o convencimento. Pouco importa que fatos precisem ser deturpados ou descontextualizados para isso, contanto que o efeito de verossimilhança esteja presente e surta o efeito almejado.

Tendo os EUA como exemplo maior de prática de liberdade, criticam a progressiva censura à liberdade de expressão naquele país – o argumento é que mesmo nos casos de discurso de ódio, é preciso ouvir a dor do outro e dialogar com ela. A emergência e força do politicamente correto (ou censura ao discurso de ódio)

teria sido impulsionada pelos movimentos identitários e, claro, contando com o apoio da esquerda ideológica. Contextualizando o assunto no cenário nacional, atacam o STF por terem aberto o Inquérito das Fake News de forma inquisitória: seriam eles as vítimas, os acusadores, os investigadores e os julgadores, eliminando qualquer chance de imparcialidade no processo. Antes, porém, de apresentarem esse raciocínio, valem-se de um dos recursos mais ubíquos em todos os filmes da produtora: a depreciação (via de regra, moral) daqueles que acusam. O uso do *argumentum ad hominem*, através do qual se procura negar uma proposição com uma crítica ao seu autor (e não ao seu conteúdo), é utilizado em praticamente todos os vídeos e contra todos os inimigos: a esquerda seria formada por comunistas totalitários que querem roubar nossa propriedade privada e tirar nossa liberdade; as feministas e os adeptos o movimento LGBTQI+ seriam reacionárias e depravadas que querem destruir a família e os bons valores; os ativistas climáticos seriam anticapitalistas contrários ao progresso econômico; os globalistas e multiculturalistas teriam interesses escusos de destruição da pátria e imposição de um império supranacional totalitário, e assim por diante.

Como podemos notar neste breve panorama, a *Brasil Paralelo* molda a realidade a partir dos seus interesses ideológicos, balizados por revisionismos que visam a forjar o “lado certo da história” e pela racionalidade instrumental neoliberal. Atua, assim, como um modelador dos comportamentos e das emoções, prescrevendo ideais de conduta, criando sentidos próprios para os acontecimentos, produzindo visibilidades, deturpações e simplificações, priorizando certos enunciados e silenciando outros. E, ainda, opera fornecendo ferramentas retóricas que não visam a complexificar o debate público, tampouco a enriquecê-lo, mas sim miná-lo, cerceá-lo e reduzi-lo à sua própria interpretação da realidade. Sob a defesa inalienável da liberdade individual e da moralidade conservadora, estabelecem verdades incondicionais, com pouca legitimação científica, enquanto fomentam a polarização social através da personificação do inimigo comum a ser liquidado,

ocupada por qualquer alteridade que fuja do padrão identitário concebido por eles como o correto. Isto é: o indivíduo ajustado ao modelo de família patriarcal, heteronormativa, que segue piamente os valores morais cristãos e endeusa o livre mercado, reagindo contra qualquer tentativa de construção coletiva de mundo e desarticulando as possibilidades de abertura de um futuro outro.

Referências bibliográficas

BROWN, W. *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente*. São Paulo: Editora Politeia, 2019.

GRUNER, C e CLETO, M. “Sete denúncias”: guerra cultural e retórica antissistema no documentário da Brasil Paralelo sobre a pandemia. In: OLIVEIRA, R. CHRISTINO, D. e MACHADO JR. E (Org.) *COVID-19 e a Comunicação*. Goiânia: Cegraf UFG, 2021, p. 357-382.